



**AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DA MICRORREGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO DO EXTREMO NORTE TOCANTINENSE**

**THE BRAKERS BABAÇU NUT OF THE MICRO REGION OF THE BEAK OF THE PARROT OF THE FAR NORTH TOCANTINENSE**

Victor Nolasco Guimarães de Sousa – UFT – Araguaína – Tocantins – Brasil  
[skynety@hotmail.com](mailto:skynety@hotmail.com)

Elias Da Silva – UFT – Araguaína – Tocantins – Brasil  
[esilva@uft.edu.br](mailto:esilva@uft.edu.br)

**RESUMO:**

Este artigo trata de discutir uma das atividades de subsistência ao qual famílias sobrevivem e mantem acesa a cultura local da coleta do coco babaçu na região do Bico do Papagaio ao norte do Tocantins e tem como objetivo uma análise reflexiva sobre atividade de subsistência em cooperativa sobre o tema quebradeiras de coco da região. Nos apoiaremos na bibliografia específica sobre o ofício das quebradeiras de coco e faremos pesquisas de campo na cooperativa TOBASA, RESEX e cidades da microrregião. Observaremos aspectos relativos a produção dos objetos confeccionados com o coco babaçu, através de um ensaio fotográfico realizado por nós. Os resultados mostram a grande variedade de produtos derivados do coco babaçu e a contribuição na economia local.

**Palavras-chave:** Quebradeiras, Babaçu, Bico, Papagaio.

**ABSTRACT:**

This article comes to discuss one of the subsistence activities in which families survive and keep on the local culture collection of the babaçu nut in the region of the Beak of the Parrot to the north of the Tocantins river and has the purpose of a reflective analysis about subsistence activity in the cooperative on the theme of the breakers Babaçu nuts in the region. We will support you in the specific literature about the office of the breakers babaçu nut and will do field research in the cooperative TOBASA, RESEX and cities in the micro region. We will look at aspects of

the production of objects made with Babaçu nut, through a photo test done by us. The results show the large variety of products derived from babaçu nut and the contribution to the local economy.

**Key – words:** Brakers, Babaçu, Beak, Parrot.

## INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho visa de forma reflexiva abordar as quebradeiras de coco babaçu do extremo norte tocantinense mais conhecido como Bico do Papagaio, na perspectiva de resistência socioterritorial desse segmento, cuja prática tem implícito o sentido de território como base de vida, comunidade e identidade, superando, portanto a visão economicista ou aquela em que há a priorização da produção econômica para fomentar o mercado global, cuja ganância dos agentes hegemônicos da economia suplantam os interesses mais nobres cultivados no interior da vida local que valoriza a identidade coletiva.

Nesse sentido os produtos produzidos pelas quebradeiras de coco babaçu na região do Bico do Papagaio são o coroamento de um processo que tem na luta pela preservação ambiental e pelo equilíbrio entre a sociedade e natureza a maior bandeira, como num aceno de uma dependência mútua entre ambas.

A proposta inicial deste relatório foi destacar as ações desenvolvidas pela cooperativa das quebradeiras de coco babaçu no âmbito da qual informações geradas foram originadas por meio da aplicação de questionários diretos na localidade de Ferreirópolis município de Buriti do Tocantins com destaque para os indicadores relacionados aos impactos diretos e indiretos dos projetos sobre as comunidades envolvidas, além destes, a coleta de dados secundários para verificação dos impactos das estratégias de desenvolvimento territorial sobre o desenvolvimento econômico sustentável da região.

Fizemos a análise dos produtos derivados do coco babaçu, registrados no texto por meio de fotografias, entrevistas, subsidiadas numa base de sustentação bibliográfica a partir de alguns autores pertinentes à aproximação ao tema pesquisado. As fotografias a campo serviram-nos à análise e

importância dos produtos confeccionados pelas quebradeiras de coco da região, como testemunho da existência de modos de produção alternativos ao capitalismo presentes nesta região, propiciando-nos ainda a constatação do elo sociocultural identificador que sustenta as comunidades no entorno da cooperativa.

A pesquisa foi realizada em novembro de 2015, numa viagem de estudo a campo como pré-requisito à disciplina Geografia Econômica ministrada no segundo período do curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins/Campus de Araguaína.

### **A REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO NO CONTEXTO BRASILEIRO E TOCANTINENSE**

O estado do Tocantins encontra-se todo numa região de clima tropical numa faixa de transição ao norte com temperaturas variando de 20 a 40°C. Observam-se no estado a presença de dois grandes biomas, o Cerrado que predomina na metade sul do estado e uma faixa de transição para floresta amazônica na região do Bico do Papagaio. A leste observa-se um início de transição de cerrado para Caatinga, que é marcado pela região do Jalapão."Domínio dos Cerrados: localizado na porção central do território brasileiro, há um predomínio de chapadões, com a vegetação predominante do Cerrado." (ALMEIDA, 2017)

O cerrado varia entre o campo limpo, o campo sujo, o cerrado e o cerradão conforme as características do solo. Na faixa norte do estado ocorre a faixa de transição entre o cerrado e a floresta amazônica. Os solos classificados em classes de aptidão agrícola: alta, média, média-baixa, baixa e desaconselhável para a agricultura. Na região norte do estado, as terras são de boa qualidade, entretanto em função da ocorrência de florestas nesta área do estado, avanço da agricultura mecanizada tem sido inibido. A região tem sido ocupada pela prática da pecuária bovina e pela agricultura menos tecnificada e mais precisamente a de pequena escala, baseada na enxada e em pequenos tratores. Uma outra dificuldade na região mais ao norte diz

respeito ao volume de chuvas que em algumas épocas do ano é muito alto o que também acarreta problemas para alguns tipos de cultura (soja, milho e algodão).

Do ponto de vista histórico, a região do atual estado do Tocantins foi ocupada desde o século XVIII com as buscas por metais preciosos na região, seus dois rios mais expressivos (Araguaia e Tocantins) serviram como forma de penetração para as bandeiras vindas do norte do país. Natividade, que está ao sul da capital (200 km na rodovia Coluna Prestes – TO-050) do estado foi importante reduto aurífero, entrando em decadência com o esgotamento das jazidas.

O região do extremo norte tocantinense, também conhecida por Bico do Papagaio abrange uma área de 15.852,60 Km<sup>2</sup> e é composto por 25 municípios: Aguiarnópolis, Ananás, Angico, Araguatins, Augustinópolis, Axixá do Tocantins, Buriti do Tocantins, Cachoeirinha, Carrasco Bonito, Sampaio, Darcinópolis, Esperantina, Itaguatins, Luzinópolis, Maurilândia do Tocantins, Nazaré, Palmeiras do Tocantins, Praia Norte, Riachinho, Santa Terezinha do Tocantins, São Miguel do Tocantins, São Sebastião do Tocantins, Sítio Novo do Tocantins, Tocantinópolis e São Bento do Tocantins. A população total desta região do Tocantins é de 179.238 habitantes, dos quais 61.012 vivem na área rural, o que corresponde a 34,04% do total. Possui 7.406 agricultores familiares, 5.644 famílias assentadas contendo também uma área de reserva indígena. Seu IDH médio é 0,62 (IBGE,2008). Seu território é caracterizado por ser uma região pobre, com baixo PIB per capita e relativamente populosa, tendo economia fortemente influenciada pela agricultura familiar, o que justifica e explica a pressão exercida pelos movimentos sociais pela reforma agrária. Possui 5.885 estabelecimentos rurais, com destaque maior para a pecuária. Na região existiam em 2005, 66 assentamentos, com 3.835 famílias, sendo a produção leiteira uma das principais fontes de renda dos agricultores familiares (INCRA, 2006).

A região do Bico do Papagaio ficou marcada, na década de 1970, pela guerrilha do Araguaia, sendo Xambioá umas das maiores bases do conflito, como ponto de apoio do exército no combate à Guerrilha, no auge do sombrio

período da ditadura militar no Brasil. Esta região diferentemente do restante do estado viveu um intenso processo de interferência do estado ao longo dos anos de 1970 e 1980, por estar numa região muito próxima ao sul do Pará; se tornou importante ponto de passagem de população que correu em direção ao Pará na busca por ouro e por terra. A interferência estatal na região se acentuou com a criação do Grupo Executivo de Terras Araguaia-Tocantins (GETAT) que atuou na região até a criação do estado.

O Bico do papagaio está inserido no ecossistema de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado comumente chamado de Zona de ocorrência de Babaçuais, delimitada pelos rios Tocantins e Araguaia. O Bico do Papagaio tem seu povoamento numa contemplação periódica que ultrapassa a atual frente pioneira capitalista. É uma área de ocupação humana que abrange desde os indígenas, os quilombolas, os migrantes das chamadas frentes de expansão mais antiga composta por populações do Maranhão e Piauí, exercendo atividades agroextrativistas e garimpeiros e agricultores familiares com o sistema de produção baseado na “roça de toco”, na coleta do coco do babaçu no agro extrativismo de frutas nativas, na pesca, artesanal, na produção de mel e de farinha de mandioca de imensa importância social, ambiental, cultural e econômica (MARTINS, 2009).

Em 2008, foi implantado o Colegiado do Território da Cidadania no Território Rural do Bico do Papagaio. Em seu Plano de Desenvolvimento Territorial foram priorizadas algumas cadeias produtivas relacionadas à agricultura familiar, dentre as quais se destacam o leite, apicultura, mandioca e babaçu. No ano de 2009, vários projetos foram encaminhados por esse Colegiado, com a participação dos Governos Municipais, Estadual e Federal, juntamente com representantes da sociedade civil.

Esta região foi marcada por acirrados conflitos pela posse da terra durante as décadas de 1970 a 1980, onde se opunham: de um lado os trabalhadores rurais da região noroeste do país que já tinham suas posses territoriais antes da década de 1950 em busca de terras devolutas, e de outro os fazendeiros e investidores da região Centro sul do país, a partir, sobretudo do período da ditadura militar, amparados pelos incentivos fiscais oferecidos

pelo governo federal sob a bandeira do desenvolvimentismo viado promover a ocupação capitalista da Amazônia. Durante este período, a grilagem, a expropriação violenta das famílias, as perseguições e assassinatos dos posseiros foram práticas corriqueiras de forma cotidiana.

A luta e resistência pela posse da terra contra a grilagem iniciou-se antes da chegada da Comissão Pastoral da Terra (CPT), mas se fortaleceu com a vinda de missionários desta entidade. Um dos símbolos desta resistência foi o Pe. Josimo, que lutou ao lado dos trabalhadores rurais, num processo de conscientização em uma época de acirrados conflitos na região.

Pe. Josimo foi assassinado por pistoleiros encomendados por grileiros das terras da região. Tornou-se uma marca desta resistência, lutando pela posse da terra e dos diversos direitos dos quais os trabalhadores desconheciam. (Entrevista concedida por dona Antonia Maria Bezerra\*em novembro de 2015).

Na década de 1980 foram criados os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais com o apoio da CPT, com isso os trabalhadores rurais se organizaram e articularam a implementação de um amplo processo de reivindicação pela reforma agrária. Na segunda metade dos anos 1980 o governo federal, através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), iniciou de fato as ações da reforma agrária na região, desapropriando latifúndios improdutivos. Os primeiros assentamentos foram implementados nos municípios de Esperantina e São Miguel do Tocantins.

Na segunda metade da década de 1990, com o aumento expressivo no número de famílias assentadas, as organizações dos trabalhadores rurais, já consolidadas e amadurecidas pelos anos de luta, passam a reivindicar e negociar políticas públicas voltadas para o fortalecimento da agricultura familiar. Nesta fase o crédito rural passa a ser uma da

Antônia Maria Bezerra da região do Bico do Papagaio, quebradeira de coco babaçu, destina sua história, a luta das mulheres de Buriti de Tocantins. Ganhadora do prêmio SEBRAE Mulher Empreendedora na categoria Associação e Cooperativas e Vencedora Nacional do Prêmio Sebrae Mulher de Negócios de 2005, atualmente Dona Antônia é presidente da Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais (AMB), entidade com 90 mulheres associadas. A vitória de Dona Antônia Maria prova que as mulheres produtoras rurais, quebradeiras de coco, padeiras, todas moradoras da região do Bico do Papagaio, extremo norte do Tocantins que realmente conseguiram quebrar as algemas em rumo ao sucesso profissional. (Entrevista concedida pela dona Antonia Maria Bezerra em

novembro de 2015).

Em resposta a essa demanda o governo federal passa a liberar recursos para o crédito rural destinado à agricultura familiar. A luta pela terra evoluiu para a defesa do desenvolvimento rural sustentável centrado na agricultura familiar.

A partir de 2001, como resultado do projeto de desenvolvimento nacional para o eixo Araguaia-Tocantins, apresentado pelo governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o governo estadual elaborou projetos estaduais nas áreas de energia, transporte e plantio de monocultura, um deles é o (PDRI) – Programa de Desenvolvimento Rural Integrado do Bico do Papagaio que visa à implantação de lavouras de soja numa área de 400.000 hectares, ao longo dos rios Tocantins e Araguaia.

Dentro deste programa, está sendo desenvolvido de forma parcial o Projeto Sampaio que prevê o cultivo de soja numa área equivalente a nove mil hectares. No entanto, a ação dos movimentos populares conseguiu impedir parcialmente sua implantação por ser considerado uma ameaça ao desenvolvimento socioterritorial sustentável da região por parte das organizações de trabalhadores rurais, uma vez que essas monoculturas degradam em ritmo acelerado e desequilibrado, do ponto de vista da fauna da flora e dos recursos hídricos e solos. Através do processo de organizações sociais, outras conquistas também foram obtidas pelos trabalhadores rurais tendo destaque o acesso a determinadas linhas de créditos, fomento e alimentação; algumas melhorias na infraestrutura local, como construção de estradas vicinais e habitação; a implementação de obras de infraestrutura, além da efetivação de novos espaços de discussão e deliberação.

Um grande empreendimento que alimenta a luta de resistência à modernização e exclusão social pelos segmentos sociais na região é a Bioindustrial (TOBASA), instalada no município de Tocantinópolis TO, empresa que produz vários subprodutos do babaçu, dentre eles o óleo, o sabão, compensado feito de mesocarpo e carvão aditivado. Essa grande indústria tem incentivado a cata do coco inteiro nas áreas de babaçuais por possuir nas suas instalações uma máquina de quebrar coco que substitui o trabalho das

quebradeiras, o que leva a uma diminuição da compra da amêndoa. Uma das dificuldades enfrentadas é a falta de comprador de amêndoa.

A TOBASA coleta coco inteiro inclusive na Área indígena dos Apynejé. Trata-se de uma prática generalizada na região que tem dificultado a reprodução das produções familiares dificultando o acesso ao coco por disputarem cada palmo de babaçu com os catadores. Essa indústria alimenta um discurso ecológico como ideologia para se travestir de agente produtor nos moldes da sustentabilidade ecológica, contrapondo com suas práticas predatórias.

Esta empresa assim participa da produção predatória do estado do Tocantins no fornecimento de carvão para as siderúrgicas localizadas no Pará e no Maranhão. Segundo informações recolhidas a campo em 30 unidades de produção de carvão no Estado do Tocantins, verifica-se uma pressão sobre as terras da região com o aumento do preço, intensificando as atividades ligadas às siderúrgicas. Há dois anos houve a tentativa de produção de carvão do coco inteiro para a Companhia Siderúrgica do Pará (COSIPAR), localizada em Marabá. Essa tentativa ocorreu em um projeto de assentamento do INCRA, no povoado de Sumaúma, município de Sítio Novo do Tocantins, onde os assentados e moradores do povoado vendiam todo tipo de coco, pois à época não haviam compradores e o preço da amêndoa estava muito baixo, segundo uma quebradeira de coco.

## **AS ORGANIZAÇÕES DO BICODO PAPAGAIO NA LUTAM PELA EFETIVAÇÃO DA RESEX**

Criada pelo Decreto nº 535 em 20 de maio de 1992, com área de 9.280 hectares. A RESEX está localizada nos municípios de Augustinópolis, Carrasco Bonito e Sampaio, no Estado do Tocantins. Passados quatorze anos as famílias ainda reivindicam a efetivação da área extrativista da RESEX, a qual está sendo devastada e invadida pelos grandes pecuaristas da região privando da liberdade dos catadores de coco babaçu das comunidades organizadas, a exemplo do Distrito de Ferreirópolis em Buriti do Tocantins.



Em 2007, 34% da população da microrregião do Bico do Papagaio encontrava-se na área rural. Esta população corresponde a 22% da população rural do Estado que é de 271 mil habitantes. Este decréscimo na população na área rural vem contrapor nos últimos 17 anos contrapõe à produção agropecuária que cresceu de forma constante ao longo do mesmo período.

Em termos regionais o crescimento populacional foi bastante diferenciado. A região do Bico do Papagaio e de Araguaína, palco de importantes conflitos ao longo da década de 1980 se tornou área prioritária de atuação dos governos estaduais e federal. A Secretaria de Planejamento do estado conta com um programa voltado para o Zoneamento Ecológico Econômico da região.

No âmbito federal, a região faz parte do Programa de Desenvolvimento Territorial Sustentável do Ministério do Desenvolvimento Agrário e também do Ministério da Integração Nacional. Por se situar na confluência de duas bacias hidrográficas importantes (Araguaia e Tocantins), próximas a eixos rodoferroviários importantes (Belém-Brasília, Ferrovia Carajás e Norte-Sul) tem atraído população e despertado interesse econômico.

Nos últimos anos parece estar havendo um incremento da área de reflorestamento, com o objetivo principalmente de atender a demanda por carvão das usinas siderúrgicas e das guserias no sul do Pará. Isso se reflete inclusive nos dados do mapeamento, cuja área de reflorestamento passa de 2,5 mil hectares em 1990 para 17 mil hectares em 2007, sendo que 84% desta área está na microrregião do Bico do Papagaio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dessa forma, frente aos casos avaliados percebe-se que os empreendimentos realizados não estão cumprindo suas funções socioculturais e econômicas. Quer sejam devido aos atrasos na construção (por falta de verba) Quer sejam por desinteresse social ou dificuldade de gestão.

Evidenciando a urgente necessidade de uma nova forma de gestão para com os projetos assistenciais, buscando adotar e/ou aprimorar fatores como:

- 1) Assistência técnica especializada: registra-se carência em técnicos especializados e comprometidos, tanto quantitativos quanto qualitativamente. Em relação ao quantitativo é necessário diminuir o número de famílias acompanhadas por assistente técnico para aumentar a eficiência das assistências e, como se trata da inserção de famílias ao processo produtivo, geralmente, com a adoção de novas técnicas a presença constante do assistente técnico é essencial. De outra forma, considerando-se o fato da maioria das famílias nem sempre estarem adaptadas ao novo ambiente (moradia, sistema produtivo, convivência social etc.) os assistentes precisam ter conhecimentos para trabalhar as relações sociais, visando a construção de uma nova comunidade e a inserção das famílias na mesma.
- 2) Programas alternativos: exemplos como a casa de farinha itinerante precisam ser estimulados, principalmente quando se vislumbra a eficácia dos atendimentos e a eficiência econômica e produtiva dos projetos.
- 3) Adoção de critérios vocacionais na distribuição dos projetos: é preciso adequar aos critérios técnicos, na escolha das comunidades e do tipo de projeto, a análise vocacional da comunidade a ser beneficiada.
- 4) Fortalecimento do programa compra direta: em alguns casos este tipo de programa caracteriza-se como o principal mercado de inserção dos produtos oriundos dos projetos.
- 5) Necessidade de contrapartidas comunitárias para como os investimentos: neste caso, por exemplo, a contrapartida, poderia ser feito em produção, sendo a mesma destinada a outras comunidades ou instituições necessitadas
- 6) Desenvolver e aplicar indicadores de avaliação e programas de monitoramento: para estimular a produtividade e promover a correção de possíveis falhas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. São Paulo: Atlas, 1998.

GOMES, Horiestes. **A produção do espaço no modo capitalista de produção**. São paulo: Hucitec, 1991.

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **MDA leva Programa de Documentação ao Território da Cidadania do Bico do Papagaio – TO**. Governo Federal. Brasília, 2016. Disponível no site: [www.incra.gov.br](http://www.incra.gov.br) (acessado em maio de 2016).

MARTINS, José de Sousa. **Fronteira: A degradação do Outro nos Confins do Humano**. São Paulo. Contexto, 2009.

RESEX – TOCANTINÓPOLIS – TO

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinapse**. Governo Federal. Brasília, 2008. Disponível no site: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) (acessado em maio de 2016)

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinapse**. Governo Federal. Brasília, 2006. Disponível no site: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) (acessado em maio de 2016)

ALMEIDA, Regis Rodrigues de. **"Domínios Morfoclimáticos"**; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/dominios-morfoclimaticos.htm>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2017.

---

**Victor Nolasco** ... – Graduando em Geografia pela UFT. Membro pesquisador do Grupo de Estudos Geográficos da Amazônia e Tocantins - GEGATO.

**Elias da Silva** – Doutor em Geografia pela USP. Professor do curso de Geografia, Campus de Araguaína.

---

Recebido para publicação em 10 de a de 2017.

Aceito para publicação em 07 de dezembro de 2017.

Publicado em 18 de dezembro de 2017.